

Literatura memorialista e vida privada no interior do Brasil

Heloisa Capel
Universidade Católica de Goiás

Sombras esmaecidas, pálidas sombras indistintas,
flutuando nestas páginas...
Sombras de outras sombras,
reais, vivas, palpitantes,
aprimonadas naquele tempo, naquela cidade.

A escritora Maria Paula Fleury de Godoy assim se expressou ao apresentar seu livro de contos, *Sombras*, publicado na década de 1960, mas que se refere a um contexto bem mais antigo.¹ A obra é instigante, pois trata de sentimentos em relação a tudo o que estava oculto na sociedade em que Maria Paula vivia. Solteironas frustradas, mulheres traídas, peregrinos desajustados, loucos e assombrações são personagens que desfilam aos olhos do leitor, em narrativas ricas em metáforas sobre a cidade de Goiás. O texto, bem como muitos outros escritos por mulheres da sua família, é uma fonte para o estudo da vida privada em Goiás.

Convém ressaltar que esta análise apresenta-se consciente dos limites de suas aspirações à objetividade, aquilo que os historiadores denominam realismo ingênuo. *Sombras* é um texto ficcional, contendo vários elementos históricos, pertencentes à vida da autora; permite portanto, antes de tudo, que se compreenda,

em um sentido de aproximação e de verossimilhança, a visão de Maria Paula acerca de um espaço e de um tempo determinados. Como nos ensina Paul Ricoeur: “A ficção é quase histórica, assim como a história é quase ficção”.²

Com um olhar distanciado, forasteiro, um olhar de uma mulher educada fora dos padrões vigentes no interior do Brasil, Maria Paula construiu uma imagem da cidade de Goiás e dos seus habitantes.

A identificação de sensibilidades que se exprimem em palavras, em formas discursivas, independe do valor literário formal de um texto. Não obstante, no caso de Maria Paula, está em causa uma escritora cuja obra foi significativa no panorama literário regional. Sua produção contém méritos inegáveis para a literatura e a história. A autora, que, na maioria das vezes, assinava sob o pseudônimo de Marilda Palínea, teve um poema recitado no programa lírico do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1926, sendo apresentada como um exemplo de pioneirismo para a literatura modernista em Goiás.

Da leitura de *Sombras*, depreende-se uma natureza memorialística, mesmo que não intencional. O livro trata de experiências vividas na cidade de Goiás, espaço adotado pela família Fleury Curado como morada, desde o final do século XIX, com a vinda da matriarca, dona Augusta, do Rio de Janeiro, quando Maria Paula ainda era pequena. Augusta de Faro Fleury Curado, pianista e escritora nascida em Curitiba, foi uma mulher educada em Paris, que mudou-se para Goiás acompanhando o marido, doutor Sebastião Fleury Curado, advogado de origem goiana, formado em São Paulo, deputado na Assembléia Constituinte de 1891 e procurador da República.

Maria Paula era uma das filhas que participou, com o casal, da penosa viagem de quatro meses, do Rio de Janeiro a Goiás, em 1896. A jornada foi registrada por dona Augusta em um diário, publicado em 1961. Maria Paula viveu em Goiás, mas, devido aos hábitos singulares da família e aos princípios de uma educação diferenciada, sempre conservou um olhar forasteiro sobre o sertão. Encastelada em uma chácara, a Bauman, construída sobre um outeiro de pedra de onde se podia mirar a cidade do alto, a escritora, que representou Goiás como um “cemitério vivo”, era uma mulher da elite que utilizava a literatura como um refúgio. Examinemos essas hipóteses, a partir dos contos de Maria Paula.

Maria Paula: um olhar forasteiro sobre a cidade

O conto *Mário* é um relato em primeira pessoa, apresentando a história de amor platônico da personagem narradora por um rapaz que havia partido, para estudar fora da cidade em que ela residia. Mário era um homem culto e viajado, freqüentador de altas rodas e de colunas sociais, que fixou morada no Rio de Janeiro. A protagonista permanece solteira por toda a vida, aguardando a chegada desse homem que iria resgatá-la da existência na cidade pequena.³

A correlação entre a vida na cidade do interior e a vida na cidade grande sempre esteve presente na realidade de Maria Paula. Seu pai havia estudado fora, tornara-se um homem importante e se casara com uma mulher de outra localidade, Augusta, que o esperou por muitos anos e o amou quase platonicamente, até que se casassem e fossem morar em Goiás, devido às necessidades da família do esposo. Augusta era uma mulher incomum para a região. Suas vestimentas e seus hábitos tornavam-na uma quase estranha. Após alguns anos morando na rua do Carmo, o doutor Sebastião construiu a chácara Bauman, a primeira residência de tijolos do município, de onde se podia ver a cidade em perspectiva. Uma espécie de morada ideal, erguida no topo de um lugar ermo e atrasado, a Bauman foi edificada com o auxílio de materiais e de mão-de-obra vindos do Rio de Janeiro, como nos conta uma reminiscência da família, também escritora:

Para efetuar a construção da casa, foi preciso que o Dr. Sebastião mandasse buscar do Rio cargas de dinamite, para planificar um platô, onde se ergueriam os alicerces, entre jatobazeiros nativos, imensos, carregados de idades, sombras e esfuziante beleza verde. Foi necessário, também, que Sebastião construísse uma olaria para confeccionar os tijolos a serem usados.⁴

Maria Paula viveu na chácara desde os nove anos de idade. Com essa visão “distante”, ela construiu as representações literárias a respeito dos valores e dos hábitos da cidade. Goiás seria sempre o local dos “casarios, projetando manchas escuras sobre pedras brancas”.⁵ Aos doze anos, Maria Paula escreveu um jornal manuscrito, *O Bauman*, que chegou a circular no Rio de Janeiro, por intermédio de suas tias. Quase uma década depois, ela se mudou para o Rio de Janeiro. Seu pai

havia sido eleito deputado federal. Na cidade, em que permaneceu por três anos, reforçou seus estudos de literatura e de piano. Após o retorno da família a Goiás, em 1915, Maria Paula continuou mantendo contatos com o universo carioca. Do interior, contribuía para a *Revista Feminina*, de São Paulo, e para o *Jornal das Moças*. Passados oito anos, casou-se com Albatênio Caiado de Godoy, advogado e jornalista vilaboense, filho de um desembargador. De uma família tradicional da localidade, Albatênio possuía, como a esposa, um histórico de relacionamento com a sociedade da “cidade grande”.

164 O conto *Fora da vida* narra a história de Lúcia, uma moça que vivia no marasmo da vida sertaneja, mas que fora educada em um grande centro. A jovem teve o triste fado de casar-se com Totônio, um belo boiadeiro que não passava de um rude sertanejo e que a enganou a respeito de suas posses. Lúcia viveu, assim, isolada, lidando com gente grosseira e sentindo muitas dificuldades para se adaptar ao meio interiorano. A narradora lamenta tão infeliz destino: “Lúcia nunca foi feliz, nem poderia sê-lo”.⁶ Há, no texto, uma alusão explícita à vida da mãe da autora. Augusta não se adaptava à existência em Goiás, não obedecia rigidamente às práticas religiosas da localidade e nem sequer adotou a dieta típica da região.⁷ Entretanto, como Lúcia, ela aceitava sua sina com resignação, mostrando-se reservada. Nesse conto, Maria Paula explica a insatisfação da mãe, diante da vida naquela “cidade triste, sem iluminação, sem água e o menor conforto”, que ficava no fim do mundo:

Seria impossível admitir não sentisse mamãe grandes saudades dos parentes e amigos que deixara tão longe, nem sofresse com o ambiente totalmente estranho em que passara a viver. Extremamente sensível e afetiva, habituada a uma vida confortável e ao trato ameno e gentil de pessoas educadas, certo é, que, por vezes, sentia sua alma constranger-se a uma expressão, olhar ou gesto áspero ou irônico.⁸

Maria Paula era, portanto, uma “estrangeira”, pela origem, pelos hábitos e pelo espaço em que residia. Seu olhar acerca da cidade e do sertão de goiano está irremediavelmente representado na sua produção literária. Em *Sombras*, a autora dispensou uma atenção especial àquilo que não estava aparente na pacata cidade.

Uma cidade da qual se recusou, pudicamente, a escrever o nome, indicando-a sempre por reticências. Uma cidade que estava povoada por fantasmas, em seu silêncio mórbido, enganador. Em Goiás, as horas passavam lentas, marasmáticas, e não havia a ambição moderna de localidades maiores. Seus habitantes eram homens sem instrução, rudes, que possuíam uma moral hipócrita. Vejamos.

Sertão goiano: um cemitério vivo

Há muitas referências ao sertão de Goiás, nos contos de Maria Paula. Seus personagens experimentam o estranhamento de viver em um local desprovido de opções de lazer, de gente inculta e sem ambições. A autora nos oferece histórias nas quais são comuns as descrições do silêncio de uma cidade onde as coisas ocorriam às escondidas, revelando, assim, a moral torpe e hipócrita da localidade.

O conto *Os ouros da sinhazinha* relata a história de Luciano, um intelectual que chegara à cidade para se curar de uma depressão nervosa e terminou louco, à procura dos ouros de uma sinhazinha falecida. (Maria Paula utilizou com frequência os nomes Lúcio(a) e Luciano(a), que significam “os que trazem a luz” ao ingressar na escuridão representada pela cidade.) Ao descrever as impressões do moço, a autora é implacável:

Luciano sentiu vontade de passear. Saiu. Voltou tarde e fatigado. A cidade não tinha nada de interessante. O mesmo aspecto decadente das cidades sertanejas. Ruas desertas, tortuosas, mal calçadas. Casas antigas, feias, assimétricas, muitas ameaçando ruína. E um silêncio pesado, uma quietude, um torpor, atmosfera de chumbo esmagando a terra.⁹

A autora retrata ainda o silêncio das ruas, onde as pessoas só mostravam as cabeças, apontadas furtivamente à janela, aquando da chegada do corcivo ou de um visitante. Em uma cidade de tão poucos atrativos, em que aquela era a distração máxima, Luciano trancou-se no quarto, pois não se interessava por aquela gente desconhecida, “cujas palestras não iam além da maledicência local”. Assim Luciano passava seus dias na cidade. Dias uniformes, iguais, lentos, longos, tediosos. Dias de preguiça e de marasmo somente interrompidos pelo chiado lamentoso de um

carro de bois ou por algum automóvel perdido que varasse a ruas.¹⁰ As noites, momento em que a cidade mergulhava na treva espessa e tumular, também eram intermináveis. O conto transmite a idéia subliminar de que para encontrar algo de valor num local como aquela – “com três ou quatro armazéns; três botecos, uma loja, a escola, a agência postal e uma igreja branca, no alto”,¹¹ onde tudo girava em torno de três barras: barras de córrego, barras de ouro e barras de saia – era preciso, no mínimo, deixar-se enlouquecer.¹² “Que dias! Que tardes! Que noites!”¹³ Localidade de gente rude e grosseira, detentora de uma falsa moral. No conto *Sombras*, o protagonista relata o caso de uma empregada que havia engravidado solteira, mas que fora acolhida pela avó, embora a cidade, de moral puritana e hipócrita, exigisse sua expulsão da casa onde vivia.¹⁴

166 Nesse mesmo conto, o narrador, um estudante de medicina em férias, descreve os dias lentos e penosos que passava na cidade, constatando: “parece-me estar enterrado vivo.”¹⁵ Com efeito, depois de alguns dias, já mais adaptado, sua distração era visitar o cemitério:

Sempre me apraz visitar mortos, conhecidos ou não. [...] Aqui, é na cidade dos mortos que há vida, pois as ruazinhas limpas, os túmulos cobertos de flores com significativas palavras de amor e saudade e outros, mais modestos, canteiros floridos de amores-perfeitos, saudades e perpétuas, encimados por uma simples cruz de madeira, tudo fala de uma saudade sempre viva, de um amor que não desfalece, de corações que não esquecem.¹⁶

No conto *Sombras*, surgem várias comparações e referências à vida agitada de São Paulo, durante momentos em que o narrador pensava em alegres *réveillons* e em muitas outras comemorações típicas dos grandes centros, locais onde a vida era “tumultuosa, mas ardente”. Depois de quinze dias na cidade pequena, o protagonista sentiu o ânimo abalado. Quinze dias que lhe maltrataram o coração e o espírito pareciam quinze anos de uma uniformidade aterradora, que minava as ambições: “Vou-me deixando viver, ou, antes, vegetar, sem sonhos, sem aspirações, sem vontade e sem pressa, acompanhando preguiçosamente a lenta fuga das horas lentas”.¹⁷ Com essa disposição de ânimo, o estudante concluía que a cidade silenciosa e triste, com suas pesadas casas brancas hermeticamente fechadas, parecia um “cemitério dos vivos”, com túmulos enormes e grosseiros.¹⁸

Elite feminina: literatura como refúgio

Maria Paula e as outras escritoras da sua família eram mulheres da elite, como indicam seus hábitos e também suas idéias e opiniões, que revelavam uma maneira de pensar destoante daquela predominante na localidade onde residiam. Augusta era uma mulher de hábitos refinados e de idéias avançadas. Todavia, expressou-se de forma recatada e dissimulada nos textos que escreveu. Maria Paula, que herdou as idéias e as intenções da mãe, traduziu-as e ampliou-as nos seus escritos. A potencialidade literária de Augusta criou força e assumiu forma em Maria Paula, que vivenciou por meio de uma natureza singular – influenciada pela educação e pelos costumes adquiridos em outros lugares – a atmosfera interiorana da cidade de Goiás, no início do século XX.

A chácara Bauman, espaço edificado especialmente como residência da sua família, possuía aspectos incomuns para a sociedade da época. Embora construída conforme a estética arquitetônica colonial, a casa apresentava características neoclássicas no seu programa de necessidades. O interior misturava a arte goiana à arte francesa e o mobiliário havia sido planejado de maneira moderna, à moda parisiense.¹⁹ Neoclássico, o terraço adjacente à construção principal substituiu a varanda colonial como elemento filtrante, mostrando-se como um ponto de vigília, um local de onde Augusta e Maria Paula contemplavam a cidade e escreviam. Os ambientes do setor social, as sala de visitas e de jantar, a sala de música e a biblioteca, também eram incomuns.²⁰

Como herança dos costumes da casa colonial, o uso dos espaços privilegiava um intenso convívio familiar na sala de refeições. Todavia, esse cômodo se comunicava com a sala de estar e com a biblioteca e possuía duas portas abertas para o terraço. A casa tinha mais de um acesso social e, por outro lado, abria-se ao exterior. Na sala de música, aconteciam freqüentes saraus. Augusta de Faro tinha paixão pelo seu piano Pleyel – presente do marido –, que fora transportado de São Paulo em um carro de bois. O instrumento foi um dos primeiros pianos da capital.²¹

A biblioteca refletia e confirmava os hábitos de leitura e de convívio do casal. Com aproximadamente oito mil exemplares, foi, durante muitos anos, a maior coleção particular do estado: “Não se pode esquecer de falar da biblioteca do Dr. Sebastião; a maior biblioteca particular do Centro-Oeste, com cerca de sete mil unidades, livros de diversos e amplos assuntos: direito, literatura, sociologia, psicologia, história, geografia e teologia”.²²

Os quartos, parte do setor íntimo, constituíam um universo preconceituoso, velado, repleto de símbolos e de tabus. Contudo, neles também havia uma característica neoclássica. O quarto do período colonial fora sombrio e insalubre, mas o quarto do século XIX tornou-se um ambiente iluminado e arejado. Em comunhão com a arquitetura de filiação eclética, as janelas comunicavam-se com a área externa, criando uma atmosfera bucólica, que favorecia o devaneio e o romantismo. Os armários embutidos nas paredes dos quartos, bem como nas paredes da sala de refeições, eram um mobiliário desconhecido na cidade e haviam sido desenhados pela própria Augusta. A privacidade, entretanto, estava sujeita a policiamento: apenas uma cortina separava o espaço de dormir do casal e o das filhas.

Na sociedade colonial, a higiene era feita nos quartos e nas alcovas, com tinas e jarros. No início do Oitocentos, o banheiro começou a aparecer nas residências nobres e urbanas e, na segunda metade do século, nas demais casas. Na chácara Bauman, o banheiro singularizava-se por estar compartimentado em duas partes, masculina e feminina, e por possuir uma banheira, trazida do Rio de Janeiro.

A despeito de ter sido criada como espaço de rejeição no mundo burguês, na casa colonial brasileira a cozinha havia adquirido contornos próprios, na sua construção e no seu uso. Em geral, ficava isolada do corpo da residência, como um “puxado”. Na chácara Bauman, a cozinha estava situada próxima ao terreiro e permitia um acesso fácil à sala de jantar. As mulheres da família utilizavam-na como extensão de outros setores, de modo que o cômodo não possuía a importância que a cozinha alcançara na casa rural: um espaço de contrapoder feminino.²³ Muitos afazeres desenvolviam-se no terreiro, que era uma área diferente do espaço externo em frente à casa, no qual havia um tratamento paisagístico do jardim. Neste

aspecto, a chácara Bauman diferenciava-se da casa rural tradicional de Goiás, cujo jardim, um anexo do curral, dificultava o acesso à sala, que ocorria, na maioria das residências, pela cozinha.

Nesses espaços, viveram Augusta, até 1922, e Sebastião, até 1944, além dos seus oito filhos. Ao longo do século XX, várias transformações foram realizadas na parte física da casa. Não obstante, mantiveram-se a estrutura e o mobiliário básico, que continuou integrando o quadro da vida privada da família.



169

Reconstituição da antiga casa da Chácara Bauman: mobiliário simulado

A natureza elitista da família Fleury Curado pode ser observada não somente nas sensibilidades que marcavam a materialidade do seu espaço doméstico, mas também nas críticas aos costumes sertanejos, recorrentes nos contos de Maria Paula. Neles, há muitas censuras às formas de vida de mulheres, que, como ela, habitavam regiões interioranas e sem perspectivas. Maria Paula escreveu seis livros e colaborou em vários jornais e revistas. É intrigante imaginar como isso foi possível, em uma sociedade onde as mulheres encontravam-se completamente

absorvidas pelos afazeres domésticos. Ela explica, sem deixar de expressar insatisfação e desprezo pelas atividades domésticas – uma característica herdada da mãe –, que as práticas de leitura e de escrita eram realizadas apenas quando tudo na casa estivesse em ordem.²⁴ No conto *Fora da vida*, é narrada a história de Lúcia, mais uma representante da luz, à sombra dos casarios de Goiás. As reflexões, em primeira pessoa, desenrolam-se durante o velório da personagem. Lúcia fora uma mulher culta e infeliz, que não gostava dos trabalhos domésticos,²⁵ uma mulher muito diferente daquelas que habitavam a cidade. A despeito da “preguiça no falar típica da mulher do sertão goiano”, ela não era maledicente, tampouco queixosa e resignada, nem possuía inteligência limitada:

170 | D. Lúcia... fora a melhor prosa que eu tinha encontrado na cidade. Nem maledicências, nem queixas, nem sequer a resignação passiva das mulheres do sertão, que têm incapacidade de pensar e preguiça de falar. Aquela não. Era um espírito ágil, curioso, devorando quantos livros encontrasse e discutindo as idéias que estes lhe sugeriam com inteligência e bom humor. Emprestara-lhe romances, pois preferia literatura de ficção.²⁶

Maria Paula atacou os valores morais e os hábitos da cidadezinha que no fundo desprezava, como no conto *Ironias da sorte*.²⁷ A história contém uma lição: a personagem é castigada por sua rigidez moral. Em outro texto, a autora mostra o que estava oculto sob a plácida e feliz vida conjugal: mulheres submissas e maridos que levavam vidas duplas. O conto *O homem feliz* apresenta, com ironia, esses homens que se consideravam donos de suas mulheres domésticas, enganadas e aparentemente resignadas:

Consumado artista, Júlio aproveitava-se de tudo para aperfeiçoar a sua arte de enganar. Afinal, na vida é preciso parecer e ele parecia tão bem o que não era que muitas vezes se admirava da perfeição com que desempenhava o seu duplo papel.²⁸

No conto *Professor sentimental*, a autora abusou de fina ironia para criticar e ridicularizar as mulheres pouco instruídas e preocupadas apenas com a aparência, bem como os homens que as valorizavam. O professor apaixonou-se por uma aluna e, ao constatar suas limitações intelectuais, reflete, com ênfase:

Meu Deus! Para que fazer estudar uma criaturinha daquelas, delicada e meiga, para quê? Se ela tinha a inteligência do coração, a intuição do amor, porque torturá-la com a insipidez do estudo que servia apenas para encher de lágrimas e de olheiras aqueles maravilhosos olhos azuis, velando de tristeza aquele rostinho feiticeiro, subitamente envelhecido numa expressão má de revolta e ódio.²⁹

Admitindo que o estudo contribuísse para destruir a beleza feminina, o professor afirma, categoricamente: “Sim, a beleza era incompatível com o trabalho intelectual.”³⁰ Às mulheres deveria estar reservado o aconchego do lar e o ambiente rejuvenescedor das festas, locais onde a prosa, acompanhada de música arrebatadora, era leve e amável. Maria Paula contrapôs-se a essa idéia, escarnecendo-a com um humor quase sarcástico, no referido conto.

Na velha cidade colonial, onde “não medravam ambições, nem vicejavam grandes ideais”, não se podia contar com uma vida intelectual intensa. Os recursos intelectuais da terra eram escassos e a leitura girava em torno dos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, que passavam de mão em mão antes de servir como papel de embrulho nas casas comerciais. As mulheres, segundo Maria Paula, liam apenas velhos romances de outros tempos.³¹ Na família de dona Augusta, contudo, a leitura era um hábito. À noite, depois que os menores haviam dormido e os mais velhos preparado suas lições, Augusta mergulhava na leitura, junto da rede do marido, Sebastião, que, por sua vez, devorava jornais e revistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Augusta tinha verdadeira paixão pela leitura,³² prática na qual encontrava os meios para suportar a vida de sacrifícios em um lugar tão avesso ao seu temperamento.

O conto *Realidade e sonho* oferece indícios de que, para Maria Paula, a literatura era um refúgio que lhe permitia resistir à vida interiorana sem atrativos. Zulmira, uma mulher infeliz, tentava aliviar sua dura existência recorrendo aos sonhos. Ela vivia em um mundo imaginário, relacionado à música, e sua realidade, povoada de personagens, estava repleta de fantasias a respeito de si mesma e do seu destino.³³ Não obstante, a referência mais explícita à literatura foi formulada no conto *Fora da vida*, por intermédio da personagem Lúcia:

A leitura – um vício para mim – me dá uma exaltação fictícia, um entusiasmo passageiro, fazendo-me viver fora da vida. Se me acontece ficar muitos dias sem leitura, parece-me que vou enlouquecer, tal o nervosismo que se apodera de mim quando não tenho um livro para ler. É que não posso... não quero viver minha vida. Preciso, devo esquecer. E consegui, afinal, o milagre de andar quase fora da realidade.³⁴

Lúcia complementava sua reflexão explicando que através da leitura seu espírito libertava-se. Ela vivia a vida dos personagens. Fechado o livro, a imaginação continuava a história interrompida.³⁵

172 | Lúcia não parece ser apenas uma personagem de ficção: ela representa as almas de Maria Paula e de Augusta, mulheres da elite goiana. As obras escritas pelas duas escritoras são plenas de historicidade; falam de uma época específica, lançando um olhar estrangeiro, embora de origem nacional, sobre o interior do Brasil. Goiás ainda era um local isolado, de valores e de hábitos interioranos. A primeira metade do século XX interveio nesse quadro. Os ventos da modernidade sopraram, de maneira imposta, sobre o sertão, deslocando o centro das decisões políticas da cidade de Goiás para a nova capital, Goiânia, recém-construída. O estudo da vida privada, entretanto, indica que as sensibilidades e os valores locais obedeceram a um outro ritmo, relacionado a um tempo que se escoava nas lentas horas da cidade colonial. Uma cidade dominada pelas sombras negras de enormes casarios, um cemitério vivo, como uma velha casa, nas palavras de Marilda Pálnea:

A casa é velha
pesada
e branca.
Olha o rio,
olha a ponte
olha as árvores,
com os olhos apagados
e vazios das janelas abertas.³⁶

NOTAS

- ¹ GODOY, Maria Paula Fleury de. *Sombras*. Goiânia: UFG, 1966.
- ² RICOEUR, Paul. O entrecruzamento da história e da ficção. In: _____. *Tempo e narrativa*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- ³ GODOY, *Sombras*, p. 103-108.
- ⁴ MELO, Augusta Faro Fleury de. Chácara Bauman. *Revista Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*. n. 17 (2002) p. 77.
- ⁵ GODOY, *Sombras*, p. 121.
- ⁶ *Ibidem*, p. 97.
- ⁷ GODOY, Maria Paula Fleury de. *Do Rio de Janeiro a Goiás – 1896 (A viagem era assim)*. 2. ed. Goiânia: [s.n.], 1985. p. 8-12.
- ⁸ *Ibidem*, op. cit., p. 18.
- ⁹ GODOY, *Sombras*, p. 36.
- ¹⁰ *Ibidem*, p. 39.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 76.
- ¹² *Ibid.*, p. 11.
- ¹³ *Ibid.*, p. 141.
- ¹⁴ *Ibid.*, p. 126.
- ¹⁵ *Ibid.*, p. 147.
- ¹⁶ *Ibid.*, p. 150.
- ¹⁷ *Ibid.*, p. 131-132.
- ¹⁸ *Ibid.*, p. 150.
- ¹⁹ CAPEL, Heloisa (Coord.). *A casa goiana: cotidiano doméstico e vida privada em Goiás tradicional*. Goiânia: Programas BIC/UCG – PIBIC/CNPq, 2000-2004.
- ²⁰ Na apresentação do diário materno, Maria Paula escreve: “Minha mãe sabia receber. Os jantares em nossa Chácara do Bauman se revestiam daquela distinção e daquela afabilidade que caracterizam os ambientes requintados”. GODOY, *Do Rio de Janeiro a Goiás*, p. 19.
- ²¹ MELO, op. cit., p. 82.
- ²² *Ibidem*, p. 77-78.
- ²³ CAPEL, Heloisa. A cozinha como espaço de contrapoder feminino. *Fragmentos de Cultura*. v. 14, n. 6 (2004), pp. 1183-1191.
- ²⁴ “Mãe era bastante avessa aos afazeres domésticos”, explica Maria Paula, que considera que somente alguns anos antes de falecer, a mãe pôde, finalmente, dedicar-se à leitura, ao piano e à pena. GODOY, *Do Rio de Janeiro a Goiás*, p. 20.
- ²⁵ GODOY, *Sombras*, p. 96.
- ²⁶ *Ibidem*, p. 94.
- ²⁷ *Ibid.*, p. 32.
- ²⁸ *Ibid.*, p. 94.
- ²⁹ *Ibid.*, p. 49.
- ³⁰ *Ibidem*.
- ³¹ *Ibid.*, p. 149.
- ³² *Ibid.*, p. 18.
- ³³ *Ibid.*, p. 61.
- ³⁴ *Ibid.*, p. 98.
- ³⁵ *Ibidem*.
- ³⁶ GODOY, Maria Paula Fleury de. *Velha casa*. Rio de Janeiro: Pongetti, [s.d.].

Resumo

Como a literatura constrói e expressa os sentidos do espaço privado? Este texto aponta um caminho de utilização da literatura de ficção, de natureza memorialística, como fonte para o estudo da história de Goiás. O livro de contos Sombras, publicado pela escritora Maria Paula Fleury de Godoy, será a referência para o estudo das sensibilidades que, em fragmentos, definem os hábitos e valores de uma época em Goiás. Três gerações de mulheres escritoras viveram na Chácara Bauman, palco e expressão material da vida privada da Família Fleury Godoy. Por meio destes elementos, poder-se-á conhecer aspectos de uma elite goiana ligada ao centro-sul do país em sua repulsa à vida sertaneja e refúgio na literatura.

174

Palavras-chave: Literatura - Vida Privada - Elite - Goiás

Abstract

How does literature construct and express the meanings of private space? This text focuses on a possibility of using fictional literature, of a memorialistic nature, as a source for the study of the history of Goiás. The short stories book, Sombras (Shadows), published by the writer Maria Paula Fleury de Godoy, will be the reference for the study of the sensitivities which, in fragments, define the habits and values of an era in Goiás. Three generations of women writers lived at the Bauman Farm, which served as a center stage and material expression of the private life of the Fleury Godoy Family. Through these elements, it will be possible to know about certain aspects of an elite from Goiás, which was closely linked to the central and southern regions of the country in its repulsion for the sertanejo's life and its refuge in literature.

Key words: Literature - Private Life - Elite - Goiás